

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

LETRAS MATO-GROSSENSES

(Conferencia, a 9 de maio de 1936, em sessão especial do
Congresso das Academias de Letras, no Rio de Janeiro)

Revista de Cultura
Ano X – Num. 113 e 114, Maio e Junho – 1936
Págs. 264 e 272
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

LETRAS MATO-GROSSENSSES

(Conferencia do sr. desembargador José de Mesquita, a 9 de maio de 1936, em sessão especial do Congresso das Academias de Letras, no Rio de Janeiro)

Minhas Senhoras. Meus Senhores. Prezados confrades.

A suave intimativa de Affonso Costa, que a todos nos impõe o jugo irresistível da sua captivante bondade, aqui me traz a esta tribuna, enflorada pelo brilho da palavra e pelo prestígio pessoal dos que nella me precederam.

Não preciso dizer-vos da grande satisfação com que accedi ao convite do illustre Presidente da Academia Carioca de Letras e que foi, por sem duvida, o grande coordenador e animador deste majestoso certame a que ora presenciamos.

Já antes de mim falaram, numa expressiva demonstração de solidariedade a este Congresso, os meus consócios da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato Grosso, accorrendo, em numero bastante eloquente, ao aceno dos beneméritos promotores desta assembléa literária.

A minha terra, comquanto longínqua, isolada, esquecida e muitas vezes até calumniada, acompanha, com carinho inexcedível e vivaz interesse, o rhythmio da vida mental brasileira e, através das suas aggremações belletristicas, da sua imprensa, dos seus homens de letras, distribuídos pelas varias províncias do pensamento, vive, palpita, pulsa e anseia nos mesmos anhelos de arte e idealismo que impulsionam, isochronamente, as demais unidades da Pátria.

Eis por que, Srs. Congressistas, em accetando o honroso encargo de falar-vos algo sobre o momento literário mato-grossense, o fiz com o maior prazer, pois se me ensejava destarte grata opportunidade de divulgar na formosa metrópole da intelligencia nacional nomes ainda pouco ou quase nada conhecidos e que merecem, entretanto, figurar na galeria dos nossos artistas e pensadores.

Ouso exprimir-me assim, não só porque a tanto me autoriza a investidura de director de trabalhos da Academia Mato-grossense, função que venho exercendo ininterruptamente faz 15 annos, vale dizer, desde a sua fundação, como ainda, e principalmente, porque, protocollos de parte, estamos aqui em família, nesta intimidade amiga membros da mesma commuidade espiritual, que faz de todos os que aqui se encontram, embora vindos dos mais diversos quadrantes, irmãos pela affinidade dos mesmos ideaes.

Em Mato Grosso sempre houve vida mental profunda e intensa. Pode parecer arrojada a assertiva, mas é rigorosamente exacta. O próprio segregamento em que nos achamos, com relação ao resto do país, determina, de certa maneira, como necessário derivativo á monotonia da vida provinciana, essa paixão sagrada pelas cousas do espirito.

Desde os velhos tempos do regime imperial, vemos pullular na capital mato-grossense associações e jornaes de feitio accentuadamente literário, alguns de vida ephemera, outros de maior resistência, mas norteados todos pelo mesmo espiritalismo que abre, nos desertos áridos do viver, esses oásis claros e virentes da arte consoladora.

É, porém, no regime republicano, sobretudo a datar da segunda década deste século, que se accentua uma verdadeira Renascença nas letras mato-grossenses.

LETRAS MATO-GROSSENSSES

Passado o cyclo trágico das revoluções, que assignalaram a phase da nossa adaptação ás novas instituições democráticas, a ferrovia começava a descortinar as estupendas possibilidades dessa Mesopotâmia privilegiada que se estende entre as bacias do Paraná e do Paraguay. Uma nova geração aflorava, cheia de esperanças e de optimismo no futuro do grande Estado.

Leaderava-a essa mentalidade de escol que é D. Aquino Corrêa, que era então ainda o Padre Aquino, director da "Revista Matto Grosso", mensário a que muito deve a cultura literária de minha terra. Foi nas columnas dessa revista que se emplumaram e ensaiaram os primeiros vãos quase todos os escriptores que hoje formam o estupendo florão da intellectualidade mato-grossense. A publicação do "Terra Natal", que se pode dizer o roteiro espiritual da nova geração, abriu a picada por onde, dentro em pouco, seguindo as pegadas do grande prógono, deveriam encaminhar-se tantos outros talentos poéticos.

As festas bi-centenárias de Cuiabá propiciaram a fundação do Instituto Histórico, precedido pouco antes pelo Grêmio Literário Julia Lopes, associação de cultura feminina, que vem irradiando pelo seu órgão "A Violeta" benéfica actuação há mais de 20 annos, sem solução de continuidade.

A essas duas sociedades, com pouco se seguira o Centro Mato-grossense de Letras, cujo convite inicial tive a fortuna de subscrever, ao lado de Lamartine Mendes e João Barbosa de Faria, a 22 de Maio de 1921. Destinava-se o Centro a ser a chrysallida que, onze annos após, se transformaria na Academia Mato-grossense de Letras.

Fóra da Capital, merecem referidos, entre outros, como factores do desenvolvimento do Estado, o Gabinete Corumbaense de Leitura, a Sociedade da Bibliotheca de Campo Grande e o Grêmio Treslagoense.

JOSÉ DE MESQUITA

Longe iria se me propusesse a dar-vos, através das suas figuras representativas, a paisagem do Mato Grosso hodierno. Limitar-me-ei a um ligeiro schema das nossas personalidades de maior projecção, como exemplificação de alguns trabalhos. Começarei por D.Aquino, o lidimo embaixador da cultura mato-grossense na Academia Brasileira de Letras. Poeta de alta inspiração, orador vibrante e conceituado, Já consagrados nos púlpitos e nas tribunas mais notáveis do país, elle é ainda o prosista inegalavel, cujo estilo casa as louçanias do novo com o ouro de lei dos antigos clássicos da língua. Delle vos darei apenas, como amostra, um soneto que é um primor de belleza e de suggestividade artística:

HERVA DE TAPERAS

Nas taperas em flor de minha terra
Não crescem folhas de heras peregrinas,
Mas uma herva aromal que ao sol descerra
As suas roxas flores pequeninas.

O viajor que por matas e campinas
Corta o immenso sertão do valle á serra,
Ama essas melancholicas ruínas
Onde o fantasma das saudades erra,

Pára, E eis que andando a sós, absortamente,
Por sobre o verde matto embalsamado,
Sente-se de surpresa num ambiente

Tão doce, tão subtil, perfumado,
Qual se ali o envolvesse, de repente,
Todo o aroma infinito do Passado!

LETRAS MATO-GROSSENSSES

Logo após o D. Aquino é justiça salientar o nome laureado de Virgilio Corrêa Filho, que neste Congresso representa o Instituto Histórico de Mato Grosso. Digno neto-segundo de Leverger, mantém, com intervallo de quasi um século, a tradição gloriosa do seu antepassado illustre, podendo-se dizer delle, hoje, o que, naquelle tempo, se affirmava do Barão de Melgaço — é o maior e melhor conhecedor das coisas de Mato Grosso. A sua vasta bibliographia — entre a qual citarei *Mato Grosso, Notas á Margem, As raias de Mato Grosso* e as *Monographias Cuiabanas* — espelha ao vivo a sua cultura, feita de serena observação, de consciencioso estudo e de seguras conclusões.

No ramo da historia, e das sciencias, em geral, enfileiram-se ainda Estevão de Mendonça, o decano dos nossos cultores do passado e douto autor das nossas apherides — que são as *Datas Mato-grossenses*; João Barbosa de Faria, residente há annos nesta capital, prestimoso auxiliar da benemerita Commissão Rondon e autor de uma Historia de Mato Grosso reveladora pacientes e valiosas pesquisas; Philogonio Corrêa, cathedratico do Lyceu Cuyabano, especializado no exame de questões fronteiriças; Frederico Rondon, a quem bastaria como credencial o seu recente e magnífico livro de larga repercussão em todo o País — *Pelo Brasil Central*; Generoso Ponce Filho, estudioso dos nossos problemas econômicos e sociaes; Firmo Rodrigues, vice-presidente do Instituto e emérito conhecedor do passado das nossas instituições hospitalares; Allyrio de Mattos, que se destaca por sua illustração technica na Escola Polytechnica e no Observatório Nacional; Clovis Corrêa e Aristides Novis, que honram, na medicina, o nome mato-grossense; Nilo Póvoas, competente professor de Português e autor de obras de historia literária e política; Antonio Fernandes Souza, que se especializou em estudos da phase da invasão paraguaya em Mato Grosso.

JOSÉ DE MESQUITA

A philologia tem em Cesário Netto, Fernando de Campos, Severino de Queirós, Celestino Pina, uma plêiade brilhante de insignes cultores. Representam dignamente a ficção e a chronica ligeira, Palmyro Pimenta, Cesário Prado, Alcindo de Camargo, Amarilio Novis, Isac Póvoas, D. Maria Muller, Olegário de Barros, Feliciano Galdino, Indalécio Proença, Francisco Mendes, D. Anna Luisa Prado Bastos, D. Maria Dimpina, D. Bernardina Rich e muitos outros. Mas é na poesia, sobretudo, que mais e mais se matiza de uma chromatização própria e vivaz a intellectualidade matogrossense.

Para não alongar esta palestra, além dos lindes que lhe devem tracejar a extensão, a hora já adiantada, e a vossa benevolência, já bem experimentada — citar-vos-ei a *vuelo de pajaro* alguns poetas novos, illustrando as citações com alguns trabalhos mais característicos.

Principiarei por Lamartine Mendes, que já nos deu dois livros — *Serras e pantanaes* e *Águas passadas*, Lyrico discreto e pensador amável, á maneira do grande Amadeu Amaral. Quero dar-vos a conhecer um soneto da sua obra de estréa, em que parece fulguir todo o mysterio e toda a belleza das nossas noites do sertão:

NOITE DE ESTRELLAS

A noite cae. O espaço se perfuma
das essências que o vento na assa encerra.
No alto, ao abrir dos manacás na terra,
abrem rosas de fogo, uma por uma.

A cachoeira soluça sob a espuma
que alva e sem rumo á flor dos flancos lhe erra.
Monstruosa cathedral informe, a serra
o perfil arrogante alteia e apruma.

LETRAS MATO-GROSSENSSES

Bailam nos ares luminosos rastros
e é tal a confusão de insectos e astros,
broslando de ouro o alcandorado véu,

que olhando o azul e as luzes que o povoam
não sei bem se as estrellas é que voam,
se os vagalumes é que estão no céu!

Outro grande nome da nossa poesia contemporânea é
Allyrio de Figueiredo, parnasiano que lembra Bilac na
ressonância crystallina das estrophes, e ao mesmo tempo, na
doçura melancólica dos sonetos do *Tarde*.

Ouvi este *Gloria*, muito typico para delatar o talento
poético do autor de *Poemas e Poeira*:

GLORIA

Gloria ao seio, que é pão, gloria ao ventre, que é ninho,
gloria á esperança e á fé, gloria ao humilde e oprimido,
gloria ao som immortal do primeiro vagido
e aos braços, feitos cruz, para o amor e o carinho.

E ao que abriu no deserto o primeiro caminho,
gloria ao sementeiro, gloria ao desprotegido,
ao justo, ao poeta, ao heroe, ao martyr, ao vencido,
e ao que a estrada trilhou da amargura e do espinho.

Gloria ao verso e no cinzel; gloria á crença illusória;
gloria á prece e ao perdão; gloria ao beijo que encerra
a perfeição, gloria ao mármore esculpido.

JOSÉ DE MESQUITA

Gloria maior, porem, mais do que tudo, gloria,
gloria á piedosa pá que abre o seio da terra
para o leito final da inconsciência e do olvido

Oscarino Ramos, depois de sonetear com maestria,
adoptou ultimamente os novos moldes da poética, cantando em
metros livres as emoções subgectivas, que lembram o estro
amável e delicado de Mario Pederneiras:

TARDE DE INVERNO

Uiva lá fora a ventania.
Chove. Que tarde triste!
Ao teu regaço, como uma boa leoa,
acolhes os teus filhinhos.

Vendo-te assim, revejo a minha infância.
Ah! minha infância! A doce ressonância
que ainda ouço em meus silêncios
Repetição dê um quadro e da mesma emoção
Minha mãe partiu e tu a redivives hoje!

Assim mesmo ella fazia
quando rugia a tempestade fora.
Entre os seus seios apertava-me
livrando-me do horror das tardes bravas.

Agora tu com teus filhinhos . . .
Mãe morta, mãe viva . . .
Bem dita tempestade,
Que me transporta aos meus dias longínquos
e me faz escrever estes versos sentidos!

LETRAS MATO-GROSSENSSES

Ouvireis, agora, um representante authenticico do regionalismo, o vate da *Índia Rosa* e da *Retirada de Laguna*, Antonio Tolentino de Almeida, num soneto característico:

POCONÉANO

Ei-lo guapo, em deu ardego cavallo
afeito a trabalhar o dia inteiro,
transpondo grotas e saltando vallo,
numa corrida infrene de pampeiro

De laço em punho, destro a manejá-lo,
faz a laçada rápida, e, certo,
apesar dos tropeços e do abalo,
atira-a aos guampos do marruá ligeiro.

Mais bello é ver-se quando, enfurecido,
o touro ameaça, e num repente avança
contra o vaqueir que o ferrão sustem,

e este que o fita, calmo e destemido,
lhe enterra a choupa da retesa lança
e um mugido de dor retumba além . . .

Ainda no gênero regional de paisagismo descritivo, Ulysses Cuyabano, grande poeta, cuyabano até no nome, celebra um soneto perfeito o burity dos nossos chapadões agrestes, irmão, por certo, daquelle que mereceu a Affonso Arinos um glorioso poema em prosa:

BURITY SOLITÁRIO

Alto, esbelto, ostentando o fluctuante
flabello pelos ventos sacudido,
domina a varzearia verdejante
um solitário burity perdido.

JOSÉ DE MESQUITA

Sae-lhe dos pés um veio sussurrante,
de crystalinas águas que o sentido
nos traz de ser um pranto gotejante
por esse annoso burity vertido.

Chora talvez o tristuroso fado
de ter nascido assim abandonado
na immensidade dessa solidão.

Chora . . . e as sentidas lagrimas tão puras
às brenhas vão narrando as amarguras
da exilada palmeira do sertão.

Impossível se me torna, minhas senhoras e meus senhores, enumerar todos os parnasides matogrossenses da actualidade, entre os quaes José Raul Vilá, que cantou, num poema, as glorias rondonianas; Arnaldo Serra, que é, além de poeta, contista de valor; Luiz Feitosa Rodrigues, que acaba de lançar um livro, «Inspirações»; Castro Brasil, o poeta de «Corumbá»; Carlos Vandoni de Barros, cuja musa prefere os temas do nosso ingênuo ruralismo, no gênero do seu interessante «Cururú», Franklin Cassiano, da velha guarda, mas de sempre renovado estro; D. Martins de Oliveira, bahiano de nascimento, de longa projecção na imprensa carioca, mas mato-grossense em boa parte de sua formação; Cavalcanti Proença, Pery de Campos, Rosário Congro, José Bonifácio de Albuquerque, Octávio Cunha, Pedro de Medeiros, Soter de Araújo, Augusto Cavalcanti, para não falar dos novos, que vem chegando, como Lobivar Mattos, do «Areotorare», Evagrio Rodrigues, Benilde Moura e outros.

Força é, porem, colher as velas, nesta viagem, pelo país das musas, sob pena de deixar-vos a impressão de que é em Mato Grosso onde mais se poeta no Brasil.

O que, de resto, não seria um mal, porque onde um bardo tange a lyra sagrada de Apollo, há por certo, esse clima sadio de espiritualismo, único em que vicejam as flores immarcescíveis do sonho e da belleza.

Minhas senhoras e meus senhores:

Revedo esta maravilhosa cidade, que é o estuário immenso de todas as actividades brasileiras, e que no seu grandioso e incomparável panorama, por assim dizer, reflecte a própria grandeza do Brasil, tive, há pouco, uma impressão que não posso deixar de transmittir-vos antes de finalizar esta ligeira palestra.

Achava-me eu, já avançada noite, na sacada do meu quarto, olhando a bahia scintilante que se abre como uma visão oriental das mil e uma noites, feérica, mágica, deslumbradora, num verdadeiro êxtase para os olhos que tem a fortuna de a contemplar.

Fronteira, Nictheroy faiscava nas suas luzes distantes; á esquerda, os arranha-céus da Cinelândia davam a idea de uma babel fantástica de polychromia; do outro lado, o colar irisado das avenidas que margeiam a Guanabara, do Russell a Botafogo, um único e immenso jardim, até a Atlântica, em que a terra e o mar se abraçam num symbolismo eterno e divino, era toda uma harmonia viva e fulgurante a exaltar a imaginação, fazendo sonhar na cidade-mulher de Álvaro Moreyra, uma naiade tropical, morena e linda, surgida, como Amphitrite, do seio mysterioso das ondas.

E pus-me a pensar que a minha janella solitária, no alto daquelle 3º andar da Glória, era por sua vez, também um ponto de luz naquella rhythmo soberbo de luminosidades.

Despercebido, pequenino, sem maiores irradiações, não deixava de concorrer com a sua claredadezinha para aquelle concerto mágico de lucilações em que a metrópole única ergue para o céu a sua sublime prece nocturna.

Eu não tinha o direito de extinguir aquelle foco, que, posto insignificante, fazia parte do conjunto admirável.

E ali me quedei, absorto, até tardas horas, quando já o trepidante tumulto da beira-mar começava a esmaecer suavemente na surdina da madrugada e os rosiclères matinaes, doutro lado da barra, tingiam de leve a fimbria dourada dos horizontes . . .

Minhas senhoras e meus senhores:

A pequena e modesta contribuição que vos trago nesta hora é bem essa gelosia solitária, num desvão perdido das grandes avenidas do pensamento que ora aqui se entrecruzam, neste magnífico collégio da intelligencia e da cultura nacional. Não me assistia direito, portanto, de apagar o pequenino foco de luz através do qual tentei projectar um pouco da intelligencia e da cultura de minha querida terra distante.

A vós, a perdoar-me, justificando a ousadia do meu gesto pela alta intenção que o inspirou.

Senhores congressistas:

Há um pensamento superior e convergente que, neste cenáculo de intellectuaes, paira, como outrora, que, no cenáculo de que nos falam os evangelhos, as línguas de fogo em que se symbolizou o espírito de Deus.

Esse pensamento é o da união nacional, da Pátria, da sadia, forte e indestructivel brasilidade, hoje mais do que nunca necessária.

LETRAS MATO-GROSSENSSES

Quero, por isso, encerrar este rápido bosqueio das letras mato-grossenses, dizendo-vos um soneto em que um poeta de minha terra — o mais obscuro, mas nem por isso menos brasileiro — celebra nas aras da Pátria a mystica sagrada do nacionalismo:

BRASIL

Por celebrar-te a gloria e exaltar-te a grandeza
procuro me elevar do limo escuro e vil,
e canto, unido aos céus e á tua natureza,
teu epinício de ouro esplendido, Brasil.

Terra que Deus fadou para a olympica empreza
de paladim da paz e do heroísmo viril,
és na tua fecunda e virginal belleza,
entre as tuas irmãs a mais nobre e gentil.

Neste dia, a embalar-te ao cântico sagrado,
que parece ecoar do teu grande passado,
nós sentimos vibrar em todo o derredor

um anhele somente — o anseio verdadeiro,
dentro do coração de cada brasileiro,
por um Brasil maior e cada vez melhor!